



Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História

ISSN: 0104-236X

anos90@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Gontijo, Rebeca

O cruzado da inteligência: Capistrano de Abreu, memória e biografia
Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 14, núm. 26,
diciembre, 2007, pp. 41-76
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574069168007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O “cruzado da inteliência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia¹

Rebeca Gontijo*

Resumo: Este artigo analisa o modo como os textos biográficos contribuíram para a construção da memória sobre Capistrano de Abreu, estudioso da história, da geografia e das línguas indígenas, reconhecido por muitos como o mais importante historiador brasileiro das décadas iniciais do século XX. O objetivo é identificar e compreender os principais valores e imagens utilizadas pelos biógrafos na composição do personagem biografado, transformado em modelo de intelectual e símbolo da nacionalidade.

Palavras-chave: Capistrano de Abreu. Biografia. Memória.

Capistrano de Abreu (1853-1927) é comumente visto como um elo entre a historiografia do século XIX – que tem Francisco Adolfo de Varnhagen e a produção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como principais referenciais – e a modernista, exemplificada pelos trabalhos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, produzidos nas décadas de 1930 e 1940.

* Doutora em História Social pela UFF. Bolsista da FAPERJ no Departamento de História da UERJ. E-mail: rebeca.gontijo@gmail.com

Distinguindo-se de seus antecessores e contemporâneos, Capistrano é apontado como o precursor da moderna historiografia brasileira. Muitas informações circulam sobre ele, constituindo uma espécie de folclore intelectual capaz de sustentá-lo como um mito, ao menos entre historiadores de ofício. Exemplo de erudição e dedicação à pesquisa, explorador de arquivos, ávido leitor, crítico feroz... Estas, entre outras colocações, costumam ser temperadas por comentários acerca de sua aparência desleixada; do seu humor irônico; da sua aversão aos títulos e às instituições; do seu repúdio à vaidade e à presunção; assim como da sua dificuldade para escrever (FALCON, 1999).

O culto a Capistrano foi iniciado ainda em vida, adquirindo contornos mais definidos após sua morte, em 1927. Persiste um certo consenso em torno de seu nome e obra, sendo possível identificar as diversas instâncias e meios de consagração utilizados com o intuito de individualizá-lo (GONTIJO, 2006). Trata-se de um autor que foi alvo de um considerável volume de textos, difundidos por meios diversos: necrológios, artigos, resenhas, biografias, sonetos, retratos, charges, fotografias, dissertações e teses, produzidos e reproduzidos ao longo de décadas. Além disso, ele também elaborou discursos sobre si, por meio da escrita de cartas (AMED, 2006; GONTIJO, 2006). Assim, ele pode ser visto como um objeto de estudo privilegiado, pois a variedade dos materiais que circulam sobre ele permite ao investigador operar com vários tipos de recortes na documentação, bem como, elaborar um leque diversificado de questões.

O objetivo deste artigo é compreender como as biografias contribuíram para a construção da identidade de Capistrano como intelectual, transformando-o em uma espécie de símbolo da nacionalidade. Compreender as imagens e valores construídos em torno de um indivíduo analisando suas biografias equivale a desconstruir a trama da memória que o consagrou como alguém digno de ser lembrado no presente e no futuro.

A primeira parte do texto é dedicada a caracterizar um campo bastante difuso da produção memorialística, composto por pequenos

casos contados sobre Capistrano que alimentaram um rico anedotário sobre ele, fonte da qual seus biógrafos não hesitaram em beber. A segunda parte analisa um conjunto de biografias, procurando caracterizar e interpretar seus eixos narrativos, base para a construção da memória capistraneana.

Com quantas pequenas histórias se faz um grande homem?

43

[...] é desses cujos íntimos dizem que não podemos conhecer sem tê-los conhecido... Desses de quem se fala sempre invocando uma anedota, um dito de espírito, um epigrama vingador (sic). E cuja obra escrita não completa a figura, não explica tudo o que foram, nem a metade do que foram (ATHAYDE, 1928, p. 299).

Em vida, Capistrano de Abreu parece ter sido um tipo muito especial de “celebridade” do mundo das letras. Freqüentador assíduo de bibliotecas, arquivos, redações e livrarias, também podia ser visto em alguns salões, restaurantes e farmácias do Rio de Janeiro ou andando pelas ruas da cidade, no fim do século XIX e ao longo das primeiras décadas do XX. Chamava a atenção de modo a inspirar caricaturas, lendas e anedotas. Ao longo do tempo, uma espécie de anedotário foi construída a seu respeito, com base em observações sobre seu modo de agir e vestir, que muitos consideravam excêntrico. Suas palavras também tiveram ressonância, sendo reproduzidas e apropriadas por meio de frases de efeito, ditos espirituosos e ditados populares supostamente saídos de sua boca ou de sua pena.

Como sugere a epígrafe acima, na memória sobre Capistrano prevalece a autoridade daqueles que o conheceram pessoalmente. O contato com um homem célebre – seja por meio de entrevistas, visitas à sua casa, peregrinações a lugares relacionados a acontecimentos marcantes de sua vida ou, até mesmo, encontros casuais – cria a possibilidade de surgimento daquilo que J. C. Bonnet identificou

como “um rumor propagador de anedotas sobre seus menores gestos e feitos, ampliado pela correspondência privada ou pública e pela imprensa”. Esse rumor estimula a “curiosidade biográfica” ou o interesse pelos aspectos mais banais da vida privada. Por vezes, essa “curiosidade” pode ser protegida por uma “rede de proximidade”, uma espécie de “círculo de pactários”, responsável pela produção e pelo controle dos rumores a serem divulgados (BONNET *apud* WERNECK, 1996, p. 41).

O conjunto de pequenas histórias contadas sobre Capistrano foi utilizado nas biografias fornecendo-lhes exemplos de algo que os biógrafos desejavam afirmar. Tais casos narram, com toques de nostalgia e humor, acontecimentos relativos ao personagem principal (ocorridos ou não), que sintetizam e evidenciam aspectos de sua personalidade ou do seu modo de ser, considerados significativos e, portanto, capazes de auxiliar na composição de uma imagem singular do indivíduo focalizado. A marca da oralidade está presente nessas histórias, comumente contadas como algo que foi dito por alguém, nem sempre identificado. Outro ponto relevante diz respeito à ausência de registro temporal. Os pequenos casos geralmente não são datados, ainda que o local dos acontecimentos e os nomes daqueles que os presenciaram possam ser lembrados.

Esse conjunto ao qual é possível recorrer a fim de compor uma imagem do biografado pode ser compreendido como um tipo de “gesto verbal”: um resultado do trabalho da linguagem, que seleciona acontecimentos, dotando-os de um sentido que se deseja ressaltar. Em outras palavras, o “gesto verbal” é capaz de condensar aspectos que se quer afirmar sobre algo ou alguém, remetendo a ambos por força de sua capacidade para sintetizá-los (ALBERTI, 2004, p. 80).¹ É com tal perspectiva que tais histórias serão recuperadas, de modo a recompor uma espécie de colcha de retalhos que envolve a figura de Capistrano e que, ao longo do tempo, alimentou a memória produzida sobre ele, particularmente aquela presente nas biografias. Diante de pequenas variações observadas no modo como cada biógrafo as reproduz, a opção é

recontá-las mantendo seu núcleo principal, tentando evitar a utilização de aspas e eliminando adendos considerados desnecessários para a compreensão da mensagem principal que cada caso visa transmitir.

Uma das primeiras histórias sobre Capistrano encontra-o ainda menino, no interior do Ceará, e lembra sua afeição pelos livros, mais interessantes que as brincadeiras infantis. Essa história foi contada por Rodolfo Teófilo no livro *O Ateneu cearense* (1922), instituição de ensino onde conheceu Capistrano ainda criança. Segundo o autor, a turma do Ateneu costumava frequentar o morro do Coroatá (hoje morro do Moinho), onde todos procuravam exercitar os músculos agitando-se, dando cambalhotas e saltos mortais, exceto Capistrano. Este, isolado do bando, deitava-se na areia, envolvido pela leitura, e ali ficava até a hora de retornar ao colégio (MATTOS, 1953, p. 43 e 50; MENEZES, 1953, p. 4-5; CÂMARA, 1969, p. 26-27; REBELLO, 1953, p. 205). Outra história de mesmo teor lembra que, certo dia, uma escrava da família Abreu desapareceu. Um grupo foi mobilizado para procurá-la. Capistrano seguiu junto mas, a certa altura, também sumiu. Jerônimo Honório, seu pai, o encontrou em cima de uma árvore, lendo, esquecido da missão que lhe havia sido atribuída (CÂMARA, 1969, p. 35).

As histórias da infância de um menino leitor se combinam com as histórias do jovem Capistrano, aluno rebelde e indisciplinado. Seu boletim escolar, quando aluno do Seminário Episcopal do Ceará, foi reproduzido por alguns de seus biógrafos. Com esse documento foi construída a imagem de um aluno indisciplinado, pouco adaptado ao ensino formal, ainda que fosse inteligente e ávido leitor. Características que permitem vê-lo como alguém dotado de autonomia e aptidão para atividades intelectuais, a despeito da avaliação negativa de sua atuação na maior parte das disciplinas escolares (MATTOS, 1953, p. 41; CÂMARA, 1969, p. 31).

A chave que sustenta essa construção memorialística parece ser a capacidade de leitura, que permite associar qualidades “naturais” do biografado a um elemento considerado capaz de romper qualquer determinismo do meio agreste em que vivia: a vontade

individual, somada ao prazer encontrado na leitura. Dessa forma, o que se afirma é que a história de Capistrano é a história de um grande leitor, capaz de romper/superar os obstáculos da natureza e o limite do convencional, do estabelecido socialmente. A leitura, por vezes, vista como uma espécie de refúgio do indivíduo diante das agruras de um meio que impunha barreiras ao desenvolvimento intelectual.

Essas histórias sobre um menino leitor e um jovem rebelde aparecem relacionadas aos casos que falam de um grande intelectual. Alguns deles dizem respeito a acontecimentos que reafirmam a capacidade de leitura de Capistrano. Outros servem para ilustrar sua personalidade excêntrica, pouco afeita às convenções sociais. Por isso, uma das imagens mais persistentes sobre esse “homem de letras” é aquela que o apresenta como um indivíduo dado à introspecção, qualidade considerada favorável ao estudo. Tais histórias falam de alguém distraído, sem interesses materiais ou pecuniários, pouco atento à aparência, ao vestuário e às convenções sociais, e sempre entretido com um livro.

Conta-se que, em certa ocasião, Capistrano hospedou-se na fazenda de Virgílio Brígido (que contou a história a Antônio Sales que, por sua vez, a registrou no livro *Retratos e Lembranças*, de 1922), no sul do estado do Rio de Janeiro. Na estação de trem, entregou sua mala a um moleque, montou a cavalo, largou as rédeas e abriu um livro. O cavalo seguiu seu passo, enquanto o cavaleiro, impassível, indiferente a tudo, apenas lia. Por fim, o animal aproximou-se de um galho que derrubou o cavaleiro leitor. Quando o moleque da mala se aproximou, encontrou-o deitado de bruços, lendo, e indagou: “E o cavalo, seu Capistrano?”. Ao que esse respondeu: “Vai ali adiante”, continuando a ler (SALES *apud* MENEZES, 1956, p. 34; SALES *apud* CÂMARA, 1969, p. 147).

O mesmo Sales conta que, numa tarde, na fazenda de Virgílio, desabou um temporal. Uma faísca elétrica caiu sobre a casa, de modo que parte do telhado desabou. Todos correram para fora antes que o teto cedesse totalmente, e logo perceberam que o hóspede Capistrano não estava presente. Foram procurá-lo temendo o pior.

Mas, deitado na rede ele lia e, ouvindo os passos, tirou os olhos do livro dizendo calmamente: “Que trovão danado, heim?” (SALES *apud* CÂMARA, 1969, p. 147; SALES *apud* MENEZES, 1956, p. 65-66). Era alguém que lia a cavalo e embaixo de tempestades, tamanha era a concentração.

Outro conjunto de histórias fala da modéstia de Capistrano, ressaltando sua aversão a títulos e seu incômodo com aqueles que o procuravam em busca de conhecimento ou informações. Um dos casos freqüentemente lembrados é aquele que fala de sua recusa em participar da Academia Brasileira de Letras, importante instância de consagração de sua época. Em 1901, escreveu uma carta na terceira pessoa ao amigo Guilherme Studart, dizendo: “não quis fazer parte da Academia Brasileira e é avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana” (ABREU, 1977, p. 152; CÂMARA, 1969, p. 176; Otávio Filho, 1953, p. 60; Lima Sobrinho, 1953, p. 86).

A propalada modéstia era, às vezes, demonstrada com mau humor. Consta que, em certa ocasião, na Livraria Garnier, um jovem escritor conversava com Capistrano chamando-o de “Mestre”. De repente ele se irritou, dizendo em tom áspero: “Por que me chama de mestre? Mestre é sapateiro, pedreiro ou carpinteiro”. O rapaz ficou tão desconcertado que “nunca mais se aproximou dele” (MATOS, 1953, p. 131).

Complementando a idéia de homem modesto estão as muitas histórias que relatam a falta de asseio de Capistrano. São casos que reforçam a imagem de um homem humilde, excêntrico, sem vaidades e avesso às coisas mundanas. Conta-se que para fazer a prova do concurso para professor do Imperial Colégio de Pedro II, Capistrano teve que pular uma janela, porque os bedéis, não acreditando que ele fosse um dos candidatos, visto que os outros se apresentavam de casaca, o tomaram por um louco, impedindo sua entrada na sala do concurso. Quando o ministro apresentou o decreto de nomeação do novo docente ao Imperador, para que fosse assinado, teria dito: “Pensei que este homem não podia ser nomeado,

pois Vossa Majestade bem viu que ele não tinha uma casaca, mesmo alugada ou emprestada, para apresentar-se”. Diante dessa observação, o Imperador teria dito o seguinte: “Mande lavrar o decreto, nomeando-o, que a casaca virá depois, com os seus ordenados de professor” (MATOS, 1953, p. 191-92; MENEZES, 1956, p. 15-16).

Paulo José Pires Brandão recorda em seu livro *Vultos do meu caminho* (1935), que Capistrano era comensal do conselheiro Antônio Ferreira Viana, cuja chácara freqüentava assiduamente. Ali ficava descalço, sem paletó, colarinho ou gravata, em mangas de camisa. Acordava cedo e tomava banho na cachoeira. Uma tarde chegou ali o Visconde de Guai, à procura do conselheiro. Capistrano foi abrir o portão e recebeu o visitante, levando-o até a sala. Sentou-se diante dele com os pés descalços. O Visconde, que não conhecia Capistrano, ficou a conjecturar intrigado: “Quem será esse homem? Fazer-me sala em mangas de camisa, de pés no chão! Quem será? Deve ser algum jardineiro bêbado... Ou algum louco...”. Nesse instante, Viana entrou na sala e apresentou-lhe o estranho: “Aqui o nosso grande historiador Capistrano de Abreu”. Diz o narrador que o Visconde abriu a boca com enorme espanto (BRANDÃO *apud* MENEZES, 1953, p. 38-9).

A princípio, é possível pensar que a fama de desleixado poder ter contribuído para humanizar a figura de Capistrano, tornando-a bem próxima de um homem comum. No entanto, parece tratar-se menos de uma humanização no sentido de identificar um “homem de letras” aos homens comuns, do que no sentido de destacar capacidades humanas (natas ou não) consideradas dignas de admiração. Entre as características que permitem compreender Capistrano como um ser humano excepcional, estão a capacidade de leitura, a modéstia e o comportamento excêntrico, identificado tanto no hábito de dormir na rede, comer pimentas e vestir-se sem esmero, quanto na recusa a homenagens e na crítica de instituições e homens célebres (MOTA, 1942; MATOS, 1953, p. 239-241). Supostamente, tais características ajudaram a compor um tipo de intelectual

distinto daqueles que eram valorizados até então, em determinados meios. Como referenciais, havia o intelectual romântico e o *dandy* bem vestido, com cartola e *pince-nez*, freqüentador das altas rodas e, também, o intelectual boêmio, freqüentador de bares e botequins e crítico das principais instâncias de consagração.

O caso de Capistrano permite observar o estabelecimento de uma junção singular entre saber excepcional e comportamento excêntrico. O excepcional e o excêntrico contribuindo para compor uma espécie de mito intelectual, sem antecessores e sem par em seu meio. Comparando Capistrano com o grande ícone da historiografia do século XIX, Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Barbosa Lima Sobrinho observou aspectos que tornavam o primeiro mais humano (LIMA SOBRINHO, 1953, p. 91). O próprio Capistrano havia dito que a figura de Varnhagen se destacava em meio a seus contemporâneos, devido à sua “estatura elevada”, à sua “fisionomia dura, com os olhos em que cintila o sentimento de superioridade, empunhando a férula do decurião” (ABREU, 1975 [1882], p. 146). Para Lima Sobrinho:

De Capistrano se poderá dizer que não é menor a autoridade, nem menos apreciável a contribuição deixada para o esclarecimento de nossa história. É preciso reconhecer que ele e Varnhagen continuam a ser os mestres por excelência, pela segurança do trabalho realizado, como pela documentação descoberta, revista, criticada. Somente que não imaginamos Capistrano na atitude em que ele viu o Visconde de Porto Seguro, de férula em punho, a exigir Mãos a bolos! Mãos a bolos! Capistrano de Abreu é infinitamente mais humano (LIMA SOBRINHO, 1953, p. 91).

Enfim, foram muitas as histórias que circularam sobre Capistrano, sendo possível agrupá-las em torno de temas gerais de modo a (re)construir e compreender a imagem pública do indivíduo que se deseja lembrar. São histórias que falam de um menino leitor,

um estudante rebelde, um homem distraído, um leitor atento, um pesquisador escrupuloso, um homem modesto mas influente, um sujeito desleixado, um crítico mordaz entre outras.

Para que essas pequenas histórias possam ser compreendidas é preciso levar em conta que sua proliferação ocorreu em um momento de grandes discussões acerca da formação da nacionalidade, quando imperava a dúvida sobre *como* e *quem* poderia falar *do* e *pelo* Brasil. Almejando o papel de porta-vozes da nacionalidade, os “homens de letras” das primeiras décadas do século XX investiram no sentido de forjar uma linguagem própria e difundir modelos de interpretação e de narrativa da nação (SEVCENKO, 2003; OLIVEIRA, 1990). Além disso, se empenharam na construção de tipos representativos do mundo do conhecimento e, mais especificamente, na escolha de nomes da intelectualidade capazes de servir como símbolos da brasilidade. Isso ocorreu com Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Machado de Assis e Capistrano de Abreu, por exemplo. Supostamente, esse movimento favoreceu a desmistificação da figura do “homem de letras”, predominante até então, mas criou novos mitos. Ao lado da representação romântica do intelectual de gabinete, distante das ruas, sem interesse pelo interior do país, com o olhar voltado para as grandes metrópoles européias, vestido com casaca, cartola e *pince-nez*, havia espaço para representações menos “nobres”, como atestam os intelectuais boêmios, por exemplo (VELLOSO, 1996). Capistrano de Abreu talvez seja um dos melhores exemplos de um processo que permite ver o “homem de letras” em mangas de camisa, com os pés descalços, os cabelos revoltos e a língua solta. Esse mesmo processo corrobora a imagem de um intelectual genial (criador), dotado de qualidades excepcionais relacionadas à erudição, cujo comportamento é excêntrico, simples e inimitável.

Enquanto Euclides da Cunha – representante máximo da ascensão profissional pelo mérito – foi considerado gênio e santo (ABREU, 1996) e Rui Barbosa foi visto como gênio e semideus (GONÇALVES,

2000), Capistrano era o exemplo do gênio criador autodidata, do homem que fez a si mesmo por meio de um duplo movimento: a conquista de um saber e a construção de uma individualidade extravagante.² Seu conhecimento era fruto de qualidades natas e de um constante exercício intelectual, capaz de ajudá-lo a vencer “obstáculos” como a origem interiorana, a falta de recursos financeiros e de um diploma. Além disso, a atividade de pesquisa em arquivo – a pesquisa empírica – favorecia a idéia de estudo como trabalho árduo, por oposição à idéia de estudo como atividade abstrata relativa ao pensamento e à inspiração. Capistrano tornara-se admirável por mostrar-se “à vontade”, sem os “adereços” materiais que se esperava encontrar em um “homem de letras”. Sem dúvida, esses diferentes modelos de intelectuais conviveram nos primeiros tempos republicanos, atestando uma mudança de perspectiva no que diz respeito ao papel do “homem de letras” e as suas formas de representação.

Segundo José Valdez Corrêa, o “anedotário” sobre Capistrano era “quase um privativo de seus íntimos, dos que lograram a rara felicidade de conviver com o grande esquisito” (CORRÊA *apud* MATOS, 1953, p. 177).³ Esses casos exemplares e engraçados sobre um “velho erudito, vivo dicionário da história pátria, mal encadernado” (AMÉRICO FACÓ [1911] *apud* MATOS, 1953, p. 33), contribuíram para que ele se tornasse um objeto de afeição, polido com doses de humor e nostalgia. Contudo, se em algum momento esse anedotário esteve restrito ao mundo privado, observa-se que sua circulação oral e inclusão em uma série de memórias publicadas (SALES, 1922) contribuiu para sua efetiva divulgação para além do círculo dos íntimos, composto por parentes e amigos. Assim, o espaço privativo foi rompido, e as pequenas histórias contadas e recontadas por seus contemporâneos adquiriram novos sentidos e atravessaram décadas, reforçando os laços entre o erudito e as novas gerações. Tornaram-no familiar e querido, ao menos entre os intelectuais, especialmente entre aqueles ligados ao campo dos

estudos históricos. Serviram como inspiração e ilustração para outras histórias contadas sobre Capistrano, no caso, para as biografias.

A partir das pequenas histórias aqui revistas é possível tecer a interpretação de Capistrano de Abreu como um intelectual carismático, que inspirava afeto e autoridade em função de qualidades que o distinguiam dos demais. Isso segundo seus biógrafos e todos aqueles que registraram tais histórias, considerando-as dignas de serem lembradas.

Segundo Max Weber, a dominação carismática ocorre em virtude da devoção afetiva a uma pessoa, devido aos seus dotes sobrenaturais, faculdades mágicas, revelações, atos de heroísmo, poder intelectual ou de oratória. A fonte da devoção pessoal é o extraquotidiano (aquilo que está fora da rotina), e a validade efetiva da dominação carismática depende do reconhecimento da pessoa portadora do carisma – por parte dos súditos ou seguidores –, como alguém que possui qualidades distintivas, que lhe conferem autoridade sobre os demais (WEBER, 1991, p. 134-141).

Weber se detém no estudo do herói guerreiro, do profeta e do demagogo, que considera como tipos puros da dominação carismática. Sua teoria é útil para pensar o caso do intelectual carismático, que aqui está sendo delineado, a partir das imagens e pequenas histórias contadas sobre Capistrano. Um intelectual dotado de carisma seria aquele capaz de despertar uma devoção afetiva devido à sua reconhecida capacidade intelectual. Sua erudição estaria acima da média, a ponto de provocar admiração. Suas opiniões, palavras e interpretações seriam cultuadas como dogmas ou verdades absolutas, não exigindo comprovação, pois a autoridade de quem as emite seria considerada suficiente. Uma espécie de rede de domínio seria organizada em torno do intelectual carismático. Seus seguidores se ocupariam da guarda de sua memória e da propagação de suas palavras e idéias, eventualmente construindo relações com antecessores e apontando dignos sucessores. Acontecimentos vividos, aspectos de sua personalidade e, por vezes,

da aparência (como é o caso de Capistrano) ajudariam a compor a imagem a ser cultuada. Por vezes essa composição faria uso daquilo que foi definido por André Jolles como “memorável”: detalhes que poderiam até ser suprimidos da história, mas que são freqüentemente repetidos quando ela é narrada, devido à sua capacidade de condensar determinados aspectos a serem lembrados (JOLLES *apud* ALBERTI, 2004, p. 80-1).

Como disse Câmara Cascudo, “muitas vezes, numa simples anedota, um homem vive na eternidade de um povo” (CASCUDO *apud* MENEZES, 1956, p. 67). Algo parecido pode ser dito a respeito dessas breves histórias contadas sobre Capistrano, que, se não serviram para popularizar e eternizar seu nome em meio a um público amplo de leitores, ao menos serviram para referendá-lo entre seus próprios pares, contribuindo para a constituição de um imaginário acerca do “homem de letras” dos primeiros tempos republicanos e dos estudiosos da história, em particular.

Capistrano biografado

A vida de Capistrano de Abreu presta-se a um verdadeiro romance, como esses que estão em moda na biografia. O largo anedotário que lhe não falta, bastaria para incutir o interesse do leitor comum. (JOÃO RIBEIRO, 1961 [1930], p. 88)⁴

Seguindo a sugestão de João Ribeiro, o romance da vida de Capistrano de Abreu poderia começar, por exemplo, contando que o biografado, reconhecido como “maior historiador brasileiro” (RIBEIRO, 1930) da virada do século XIX, nasceu no interior do Ceará, em outubro de 1853, e morreu no Rio de Janeiro, em agosto de 1927, aos 74 anos. Entre uma coisa e outra estenderia-se o

“fio” de sua vida, recuperando, por meio de detalhada costura, os momentos considerados importantes de sua trajetória da infância à velhice. Pontos e bordados destacariam aspectos vistos como relevantes para a compreensão do personagem principal: seus encontros, escolhas, reveses, as encruzilhadas surgidas ao longo do caminho, por vezes apontando um detalhe, um toque do destino capaz de explicar atitudes e opções.

A biografia é uma prática moderna, diretamente relacionada ao individualismo e à articulação de tempos e ações no curso de uma vida. Ainda que a prática de escrever histórias de vida exista desde a antigüidade e que diversas formas de escrita de si possam ser localizadas ao longo do tempo, a idéia de que a vida é uma história começou a se esboçar somente no século XVIII. A biografia surgiu como gênero literário quando a experiência individual passou a ser relacionada a uma dimensão global, geralmente orientada. Ou seja, quando a experiência de cada um pôde ser pensada como algo dotado de sentido. A idéia de progresso autorizou a visão de que o indivíduo passa por um processo de desenvolvimento. Assim, a narrativa biográfica pôde se afirmar como um escrito retrospectivo, capaz de construir ou inventar uma imagem coerente do indivíduo biografado (LEVILLAIN, 1996; CALLIGARIS, 1998, p. 48), ainda que outras possibilidades biográficas pudessem ser aventadas (LORIGA, 1998).

No século XX o gênero se diversificou, tornando-se alvo de um debate particular que ecoava questões que remontavam ao oitocentos e incorporava outras mais. Sobretudo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) é possível encontrar autores como André Maurois e Stefan Zweig, preocupados em compreender “o poder de agenciamento dos sujeitos individuais, a partir de suas respectivas inserções nas circunstâncias sociais e históricas vivenciadas”. Foram os defensores de uma biografia dita *moderna* ou *romanceada*, que repercutiu em nosso país, principalmente nas décadas de 1930 e 1940 (GONÇALVES, 2003, p. 13).

No Brasil, observa-se a existência de uma tradição no uso da biografia como meio de humanizar a história e, ao mesmo tempo, difundir uma pedagogia cívica através do exemplo de uma vida (ENDERS, 2000; GONÇALVES, 2007). Mas é possível dizer que, ao longo do século XX, prevaleceu, aqui como em outros países, um “olhar desqualificador” sobre a biografia no campo da história (SCHMIDT, 2000) e, até certo ponto, no da teoria literária (WERNECK, 1996), ainda que alguns – historiadores e literatos – buscassem, desde o século XIX, utilizar a biografia como meio para comple-xificar a história e a literatura (LEVI, 2001 [1989]; LORIGA, 1998; GONÇALVES, 2003).⁵

Muito já foi dito a respeito da ilusão de unidade e coerência que esse tipo de narrativa pode promover (BOURDIEU, 2001 [1986]) e muito já foi feito no sentido de desqualificar as biografias e, ao mesmo tempo, anular ou restringir o papel dos indivíduos na história. Por outro lado, já foi apontada a ilusão de objetividade que permeia a crítica ao biográfico (CLOT, 1989). Hoje é possível observar que várias das discussões importantes da historiografia relacionam-se à biografia. O problema que norteia essas discussões é o dos limites da liberdade e da racionalidade humanas, subjacente ao da relação entre indivíduo e sociedade que, por sua vez, remete a um dos paradoxos da história: aquele que opõe o particular ao geral (LEVI, 2001 [1989]; LORIGA, 1998; SCHMIDT, 2000).⁶ A abordagem do tema biografia coloca, portanto, quase que inevitavelmente, o problema nada simples das relações entre o indivíduo e a história. Afinal, como lembra Jacques Le Goff, o indivíduo é um dos “inevitáveis objetos da história” (ao lado do acontecimento e da política) (LE GOFF, 1989), ainda que algumas vezes tenha sido possível supor o contrário.

Deixando de lado, sem perder de vista, a atual reflexão historiográfica sobre a biografia, importa aqui destacar que, entre o fim dos anos vinte e a década de sessenta, Capistrano de Abreu tornou-se objeto de diversos tipos de textos de teor biográfico, a maior parte podendo ser definida como escritos de circunstância,

produzidos por ocasião de sua morte (necrológios), em 1927, e da comemoração do centenário de seu nascimento (livros, opúsculos e artigos), em 1953. Tais textos podem ser relacionados ao culto de escritores, artistas, cientistas e intelectuais desenvolvido entre os séculos XVIII e XIX, com repercussão no século XX (Catroga, s/d), guardadas as especificidades de cada época.

Em meio a essa cultura comemorativa – constituída por cerimônias, exposições, publicações, panegíricos, visitas a locais identificados com a vida do homenageado etc. (OZOUF, 1984; GOULEMOT e WALTER, 1984; ABREU, 1994), as biografias têm um lugar especial. No século XX, as chamadas biografias modernas contribuíram para o desenvolvimento do interesse por aquilo que é identificado como a face humana do biografado, associada a seus feitos literários, intelectuais, científicos ou artísticos. Em função disso, os biógrafos modernos costumam utilizar instrumentos capazes de auxiliar na compreensão da interioridade do indivíduo, recorrendo aos depoimentos daqueles que com ele conviveram; aos estudos sobre o caráter e sua relação com o meio e a origem (racial ou social); à psicologia; à fisionomia; à análise da obra e do contexto. O objetivo é desenvolver formas eficazes para transmitir aquilo que se tem como a “verdade íntima” (WERNECK, 1996; HEINICH, 1991; GONÇALVES, 2003).

A leitura desses textos permite observar a permanência de certas imagens de Capistrano de Abreu, certamente inspiradas pelo rico anedotário construído sobre ele, conforme foi visto no item anterior. É possível dizer que as biografias contribuíram para o arranjo e consolidação de imagens até então difusas, delineando um perfil, reproduzindo chaves interpretativas e estabelecendo um relato em grande parte consensual, que serve de base para a memória sobre o biografado.

O objetivo desta parte é analisar os argumentos presentes nas biografias, textos fundamentais para o estudo da produção memorialística sobre um indivíduo, no caso, um intelectual. Como

fontes principais estão cinco obras: *Capistrano de Abreu, o homem e a obra* (1931), de Alba Canizares Nascimento; *Capistrano de Abreu (Vida e Obra do Grande Historiador)* (1953), de Pedro Gomes de Matos; *Capistrano de Abreu: ensaio biobibliográfico* (1953), de Hélio Vianna; *Capistrano de Abreu: Um homem que estudou* (1956), de Raimundo de Menezes; e *Capistrano de Abreu: tentativa biobibliográfica* (1965), de José Aurélio Saraiva Câmara.⁷ Além dos livros, foram também utilizados os textos de teor biográfico publicados na *Revista do IHGB* por ocasião do primeiro centenário de Capistrano, em 1953, com destaque para *A vida de Capistrano de Abreu*, de Rodrigo Otávio Filho.⁸

Para compreender o processo de “enquadramento da memória” sobre Capistrano é útil identificar os aspectos comumente lembrados. A repetição é um indício da eficácia do exercício memorialístico, sendo que, nesse exercício, os não-ditos ocupam lugar especial. Lembranças e esquecimentos se complementam, de modo a favorecer (ou não) a aceitação da memória (POLLAK, 1989 e 1992; PORTELLI, 2001). As biografias ocupam um lugar especial nesse processo. Entre outros discursos, é por meio dessas narrativas que o indivíduo é dado a ver.

Na construção de Capistrano como uma “singularidade” – para usar o termo proposto por Nathalie Heinich (1991) – nota-se a ênfase atribuída a determinadas características de sua individualidade, algumas das quais se refletem na aparência física, na imagem corpórea do biografado. Destacam-se os aspectos relativos à origem sertaneja, à rebeldia, à erudição e à modéstia.

Em primeiro lugar, observa-se o empenho dos biógrafos no sentido de reforçar os laços que uniam Capistrano à terra natal. Como muitos intelectuais de sua época, ele deixou a província rumo ao Rio de Janeiro (corte imperial e, depois, capital federal), onde consolidou sua vida profissional. É notável o investimento na demarcação de suas origens sertanejas, que são também as do Brasil, segundo a interpretação predominante a partir da primeira

metade do século XX. Origens nas quais alguns intérpretes vislumbraram as tendências de sua obra posterior. Afirmaram eles que a força de Capistrano, expressa em seus pensamentos, atitudes e escritos, emanava de sua origem interiorana. A vida no sertão teria favorecido sua introspecção, seu amor pela leitura e sua capacidade reflexiva, não distraída pelo cosmopolitismo que, acreditavam alguns, influenciava as mentes do litoral (NASCIMENTO, 1931; MATOS, 1953; VIANNA, 1953; MENEZES, 1956; CÂMARA, 1969).

A idéia de que o meio (seja um determinado local ou a própria “vida vivida”) pode moldar o caráter é característica das modernas biografias. A associação entre a origem sertaneja / indígena de Capistrano e sua capacidade para o estudo é algo comumente explorado por seus biógrafos. Essa capacidade “nata” ou “natural” corresponderia à tenacidade, à persistência, à paciência para longas e extenuantes pesquisas. A origem sertaneja ajuda a conformar a imagem de uma espécie de herói intelectual com cores nacionais pois, diante das agruras da vida no sertão, “o homem ali nasce herói” (NASCIMENTO, 1931, p. 11), sendo capaz de vencer obstáculos à sobrevivência e à obtenção de conhecimento. Tal qual o sertanejo, Capistrano é um forte.⁹

Além do empenho em caracterizar o biografado como um autêntico sertanejo, descendente de tribos indígenas, observa-se a construção de sua imagem como um rebelde. A rebeldia é identificada já na infância, quando o menino Capistrano resistia ao ensino tradicional, apegando-se aos livros. Longe de ser um exemplo de bom aluno, de aprendiz exemplar, trata-se de alguém que construiu a si mesmo por meio de uma solitária atividade de leitura. Mas a grande rebeldia de Capistrano teria sido a rejeição das convenções sociais, sobretudo aquelas relacionadas ao meio intelectual. Esse traço rebelde o teria acompanhado por toda a vida, sendo localizado pelos biógrafos no modo de vestir; na recusa em participar efetivamente das principais instâncias de consagração do meio literário-intelectual de sua época; nas opiniões mordazes

sobre alguns de seus contemporâneos; no enfrentamento da historiografia considerada “oficial”. Enfim, no que alguns de seus poucos críticos identificaram como antipatia e ironia ferina.

É possível considerar que a valorização da “rebeldia” como uma característica de determinados “homens de letras” esteja relacionada a um conjunto de elementos oriundos de locais e épocas distintas, que ajudaram a construir um determinado modelo de intelectual vinculado à idéia de vanguarda, alguém que se opõe a convenções sociais e conservadorismos e/ou se manifesta em prol de causas sociais, defendendo idéias consideradas avançadas. Diferentes exemplos de rebeldia estão presentes, por exemplo, nos sublitteratos franceses do Antigo Regime; nos escritores românticos alemães, do final do século XVIII; no intelectual do fim do século XIX, que empunha bandeiras reivindicatórias lutando pela justiça e pelo bem comum; nos intelectuais ligados a movimentos revolucionários, tais como o ocorrido na Rússia, em 1917.

Além de “rebelde”, Capistrano é definido nas biografias como um erudito, “um homem que estudou” (OTÁVIO FILHO, 1953; MENEZES, 1956), alguém cujo saber foi posto a serviço do conhecimento do país por meio de estudos diversos sobre a geografia, a lingüística indígena e, principalmente, a história colonial. A imagem de polígrafo prevalece e a figura do erudito se confunde com a do grande leitor. A capacidade de leitura de Capistrano é um item que acompanha toda a narrativa de sua trajetória, sendo identificada já na infância e naturalizada, a exemplo das pequenas histórias contadas sobre ele. Há sempre algum caso, lembrado com doses de humor e nostalgia, que ajuda a lembrar a paixão do biografado pelos livros e a distração que isso provocava. Trata-se de um homem distraído, imerso no mundo dos textos, pouco atento à vida cotidiana, a ponto de não dar atenção à própria aparência.

A erudição parece ser uma das características mais utilizadas na qualificação de um “homem de letras”. Ela se destaca, sobretudo, no caso daqueles que se dedicam ao estudo histórico,

uma vez que a própria história da história como disciplina identifica sua origem em uma dupla tradição: a filosófica e a erudita. Esta última remonta ao Renascimento e é comumente associada à figura do antiquário: um estudioso das coisas antigas, que domina línguas mortas, conhecimentos esotéricos, detalhes minuciosos sobre costumes, instituições, artefatos etc. Por meio de uma série de procedimentos, os antiquários desenvolveram métodos críticos de pesquisa, sempre em busca de provas capazes de estabelecer fatos e não tanto relacioná-los entre si. Buscaram a completude, dando grande valor a bibliografias extensas, transcrições exatas e notas de rodapé. Diferenciando-se dos historiadores “modernos”, acreditam que, diante de um conhecimento que se revela sempre insuficiente, a história só pode produzir a síntese efêmera e provisória (FURET, s/d; MOMIGLIANO, 2004; GRAFTON, 1998).

A imagem do erudito como um grande leitor, que domina detalhes despercebidos, foi associada no Brasil a nomes como Francisco Adolfo de Varnhagen, Capistrano de Abreu e Ramiz Galvão, só para citar alguns exemplos. São figuras importantes do mundo diplomático e político, assim como das bibliotecas, arquivos, instituições de ensino e academias de letrados. O erudito aparece associado a um tipo de conhecimento – obtido por meio da leitura extensa e intensa de livros e/ou documentos – que pode e deve ser mobilizado nas discussões sobre a escrita da história nacional, os limites do território, as especificidades da língua etc. Isso indica que, longe de ser algo restrito a gabinetes de antiquários, a erudição também é um item importante dos debates políticos mais amplos, sendo utilizada para produzir argumentos de autoridade (GOMES, 1996, p. 76).

Capistrano é visto por seus biógrafos como um grande erudito, em termos de conhecimento da história colonial brasileira, que incluía estudos sobre corografia e língua indígena. Esse reconhecimento supõe a existência de uma especialidade capaz de distingui-lo de outros historiadores e “pensadores da história”, cujos

interesses se dispersavam entre a história do Brasil, a história universal e a análise de temas contemporâneos.

Além de sertanejo, rebelde, leitor exemplar e erudito, Capistrano também é caracterizado como um “homem modesto”. A modéstia aparece relacionada tanto à origem interiorana quanto ao que aqui é identificado como um modelo moral do “homem de letras”. Os biógrafos parecem querer afirmar que, por oposição ao homem do litoral, cosmopolita, orgulhoso de sua cultura e empenhado na divulgação do próprio nome, estaria o homem do interior, modesto e íntegro, pouco atraído pelas futilidades da vida contemporânea, pouco afeito às convenções sociais e sem interesses materiais. A valorização da origem interiorana pode ser associada à defesa de um determinado modo de conduta e de posicionamento do “homem de letras” frente à sociedade (VELLOSO, 1988; ABREU, 1996).¹⁰ O letrado deve ser um abnegado, atuando sempre em defesa do bem comum e não do próprio interesse. Persiste a idéia de que o “homem de letras” deve ser introspectivo e modesto, evitando alardear sua capacidade superior de compreender e julgar o mundo (CHARTIER, 1997).¹¹

De modo geral, todas as biografias de Capistrano apresentam um contexto uniforme, dentro do qual e em função do qual o biografado teria determinado suas escolhas. A experiência do homem em sociedade, com seus conflitos e contradições, é minimizada (ou, até mesmo, excluída) de modo a favorecer o papel do destino, do acaso e da natureza, grande responsável pelos talentos “natos” do biografado. Tal perspectiva pode ser relacionada à compreensão de que as realizações de um grande personagem histórico independem da sua inserção social, da sua experiência na rede de relações na qual está inscrito (ELIAS, 1995). Em outras palavras, essas como muitas outras biografias não visam situar o indivíduo enquanto um ser social. Guiados por outras preocupações, os biógrafos passam ao largo da análise efetiva das condições de produção intelectual-literária, das experiências vividas pelo biografado.

Seu objetivo é construir um exemplo de intelectual capaz de sintetizar valores sociais ou nacionais. Desse modo, fazem uso de categorias que podem ser relacionadas a modelos de “homens de letras” ou de intelectuais, que, ao longo de séculos, serviram para orientar a conduta dos letrados, assim como contribuíram na elaboração de interpretações sobre os mesmos. Tais modelos podem ser vistos como um referencial importante para a construção de mitos e mitologias referentes ao mundo intelectual (TREBITSCH, 1992). No caso das biografias analisadas, o que importa é caracterizar um quadro estático no qual Capistrano se move em direção ao seu destino, ora impulsionado pela vontade individual, ora movido por qualidades natas. Sendo assim, uma questão se coloca: como compor a trajetória de um personagem capaz de simbolizar valores sociais ou coletivos, se a trajetória construída não dá lugar à experiência do indivíduo enquanto ser social?

A estratégia dos biógrafos em questão é associar autor e obra, situando-os como relevantes para a cultura brasileira. Assim como o personagem biografado, a obra é apresentada como algo uniforme e grandioso, apesar do reconhecimento do aspecto fragmentado e disperso de sua produção, e da identificação de fases distintas na sua formação e em seu pensamento. Tratando-se de um “homem de letras”, é compreensível e esperado que sua produção intelectual ocupe parte significativa das biografias. Por isso, o lugar ocupado pela obra de Capistrano – que inclui livros, artigos, prefácios, traduções etc., além de sua correspondência – nas narrativas varia conforme a imagem do biografado que cada biógrafo pretende destacar: como polígrafo, erudito, historiador e símbolo da nacionalidade. Ou seja, os biógrafos não realizam uma análise efetiva da produção de Capistrano, optando por relacioná-la a fases distintas de sua trajetória ou a, simplesmente, apresentá-la como algo que confirma as qualidades intelectuais e nacionais “natas” do biografado. A obra de Capistrano é um adendo importante para o objetivo principal das biografias, que é caracterizar o personagem

como alguém relevante no cenário nacional, por seus estudos e escritos dedicados ao Brasil. No entanto, trata-se de um adendo e não de um objeto de análise efetiva, mesmo diante da proposta – presente, de diferentes formas, em todas as biografias analisadas – de relacionar vida e obra. Apesar disso, é possível identificar formas de apropriação da obra – com opiniões distintas e semelhantes, sempre com a finalidade de monumentalizar seus escritos, transformando-os em uma unidade original e homogênea.

No texto de Alba Canizares Nascimento, essa obra aparece como algo original e criativo, que abriu “estradas e orientações”. É apresentada como “definitiva”, por possuir “o selo da duração – a verdade”. Compreendendo a história como “mestra da vida”, a biógrafa afirma categoricamente que “não havia história do Brasil antes de Capistrano”. A visão sociológica e o uso de métodos historiográficos modernos situariam o biografado como um marco inaugural da historiografia nacional. Segundo a autora, mesmo não tendo escrito uma história do Brasil, Capistrano deixou toda uma orientação para a mesma trilha em sua obra e em suas pesquisas. Valorizando sua capacidade de síntese e de reconstrução do conjunto, ela afirma que: “a unidade da sua obra é completa, mostrando a integridade perfeita da sua grande mentalidade, e a revelação patente do seu valor está na eficácia da sua atuação” (NASCIMENTO, 1931, p. 46).

Interpretação distinta é feita pelo biógrafo Pedro Gomes de Matos, que caracteriza Capistrano, antes de tudo, como um polígrafo, destacando sua contribuição em diferentes áreas. Utilizando pequenas resenhas sobre os principais trabalhos do biografado, o autor procura demonstrar a importância de uma produção fragmentada, porém dotada de profundidade. Valoriza seu estilo simples e conciso, considerando que a paixão pela minúcia teria prejudicado sua capacidade de elaborar sínteses gerais. Nas palavras de Matos: “Capistrano de Abreu, realmente, não fez obra uniforme, homogênea, integral, cujas partes, ligadas, coordenadas

e travejadas entre si, se harmonizassem no grande todo, a História do Brasil...” (MATOS, 1953, p. 217). Apesar disso, considera-o como o iniciador de uma nova fase dos estudos históricos no Brasil, afirmando, com base em outros intérpretes, que ele foi o primeiro a traçar uma orientação sociológica e científica para o estudo da formação da nacionalidade. No campo da pesquisa histórica, as principais contribuições do biografado seriam a crítica de atribuição, a periodização, as traduções e as anotações.

Hélio Vianna – que apresenta seu trabalho como uma biobibliografia¹² – se ocupa, sobretudo, da localização cronológica da produção, associada a sucessivas conjunturas (fases) da vida do biografado. Capistrano é considerado como “o maior de nossos historiadores”, mesmo não tendo escrito uma monumental história do Brasil, como dele era esperado. Sua importância se deve à “profundidade técnica” e ao “sentido sociológico” de seus ensaios, distintos da simples crônica e da narrativa de fatos. Trata-se de um “precursor” ou um “pioneiro”, que desenvolveu pesquisas em diversas áreas, propondo novos temas e métodos. De acordo com Vianna, o autor da melhor síntese sobre a formação do Brasil, *Capítulos de história colonial* (1907), além de ter contribuído com a introdução de temas na historiografia, tais como a caça ao índio, o ciclo do gado, a conquista da Amazônia, as missões religiosas, as estradas coloniais etc., também aperfeiçoou a crítica histórica (VIANNA, 1953, p. 68).

Já Raimundo de Menezes explora a imagem de Capistrano como homem de estudos e leituras. Contudo, não há investimentos no sentido de analisar a obra ou parte dela, apenas um esforço no sentido de compor a trajetória de “um homem que estudou”, ressaltando a importância de suas pesquisas, apesar da não realização daquilo que dele era esperado: a síntese da história nacional. A “incompletude” de sua produção é justificada pelo autor por meio do recurso a outros intérpretes, para os quais Capistrano não cumpriu a tarefa devido às lacunas documentais e à paixão pela minúcia, que impedira a elaboração de sínteses.

Por fim, José Aurélio Saraiva Câmara, mesmo reconhecendo que o volume da obra produzida por Capistrano não é grande – se comparado ao volume de seu saber –, considera que aquilo que ele nos deixou é “definitivo” e “fundamental”. Ele ressalta que Capistrano faz parte do rol de escritores cuja leitura provoca igual admiração pela obra e por quem a escreveu. Quanto à persistente questão de saber por que Capistrano não havia escrito uma história do Brasil, o autor apresenta um conjunto de razões: a deficiência documental; o interesse do historiador por certos trechos da história, mas não pelo conjunto; o grande conhecimento da história brasileira, capaz de produzir mais lacunas do que certezas; a falta de entusiasmo pela tarefa, devido a um constante pessimismo e a uma tenaz melancolia etc. Apesar disso, o livro *Capítulos de história colonial* é visto como a melhor síntese da formação brasileira nos primeiros três séculos de sua existência (CÂMARA, 1969, p. 99 e 167-168).

A relação da trajetória individual à história da nação é um recurso capaz de alimentar um duplo entendimento: o da obra (e, por conseguinte, do autor) e o da nação. O autor é valorizado devido à sua capacidade (nata ou adquirida) de compreender e explicar o Brasil. A obra adquire relevância por ser o meio pelo qual essa explicação se torna possível. Além de contribuírem para a constituição de um autor como unidade sólida e fundamental, que serve como uma espécie de âncora para a obra e para outros discursos (FOUCAULT, 2000; CHARTIER, 1994),¹³ os biógrafos de Capistrano se empenharam, cada um a seu modo e em diferentes momentos, na caracterização de um autor nacional, uma referência para quem quisesse conhecer o Brasil.

Reunindo os vários aspectos apontados anteriormente, é possível identificar dois eixos principais das biografias sobre Capistrano. O primeiro está relacionado ao homem enquanto ser moral. Assim, as narrativas biográficas procuram caracterizar a modéstia de Capistrano, exemplificando-a por meio de pequenos casos contados

por seus contemporâneos. O biografado é caracterizado por alguns como um “beneditino das letras”, abnegado, avesso a vaidades e convenções sociais. Completando essa compreensão do homem, está a idéia de alguém que “fez” a si próprio, um autodidata, que pelo exercício da vontade conduziu seu aprendizado, com o auxílio de características natas. Trata-se de um legítimo sertanejo, descendente de tribos indígenas. Essa interpretação sustenta uma narrativa que, por vezes, adquire tom épico, quando se afirma que o biografado teria superado grandes dificuldades ao longo da vida até conquistar o reconhecimento que lhe era devido. Em algumas biografias observa-se a conjunção entre dois fatores: a vontade individual e o destino manifesto quando criança.

O segundo eixo, complementar ao primeiro, diz respeito ao Capistrano intelectual, apresentado como um leitor apaixonado desde a infância, um pesquisador insaciável, que falava várias línguas, do alemão ao caxinauá, e que dominava as principais teorias sociais de seu tempo, assim como conhecia a historiografia e boa parte das fontes documentais sobre o Brasil. Esse eixo apresenta duas variações freqüentemente associadas. Uma delas mostra o Capistrano estudioso do Brasil, que estaria mais próximo da realidade nacional, do “verdadeiro” conhecimento do país devido a suas origens sertanejas e suposta ascendência indígena. Capistrano surge, assim, como um intelectual que é um autêntico símbolo da brasilidade. A outra diz respeito ao Capistrano enquanto estudioso da história. Ao longo do tempo, a imagem de polígrafo foi dando lugar à de um historiador formado pela prática da pesquisa em arquivos, habilitado pelo trato com as fontes documentais, culminando com a caracterização de um historiador moderno, atento aos métodos de pesquisa e estilos de narrativa da moderna historiografia.

Supostamente, esses eixos serviram de base para a construção biográfica sobre Capistrano, consolidando uma memória aparentemente imune a críticas ou dúvidas, com exceção daquela presente na indagação sobre por que esse historiador, considerado

como o maior dos historiadores brasileiros em termos de conhecimento e capacidade de estudo, efetivamente não escreveu uma história do Brasil. Como observou Francisco Falcon, os poucos críticos de Capistrano se detiveram muito mais sobre o que ele não fez do que sobre o que efetivamente produziu (FALCON, 1999).

As biografias estabelecem os mesmos marcos ou acontecimentos biográficos partindo de uma perspectiva teleológica que recupera aspectos da vida do biografado, de modo a justificar suas escolhas e condutas previamente conhecidas. Contudo, a elaboração de um arranjo coerente para a trajetória enfrenta alguns obstáculos: as fissuras introduzidas pelo indivíduo, as idiossincrasias, as contradições, enfim, tudo aquilo que configura uma perturbadora incoerência que os biógrafos comumente se empenham em atenuar ou, mesmo, eliminar recorrendo ao silêncio. Por vezes, essas fissuras teimam em aparecer, a exemplo da “memória subterrânea”, à espera de uma brecha por onde possa emergir (POLLAK, 1989 e 1992; PORTELLI, 2001). No caso de Capistrano, essas fissuras parecem estar localizadas no fato de não ter, efetivamente, escrito uma síntese da história do Brasil, como dele era esperado, conforme afirma João Ribeiro ao resenhar seus livros (1930, 1931, 1933); na falta de dedicação integral ao estudo da história; na rejeição das convenções; na crítica das principais instâncias de consagração de sua época, assim como na mordacidade de seus comentários sobre os contemporâneos mais celebrados. Tais “arestas” foram aparadas, conformando uma individualidade exemplar.

Os biógrafos consolidaram a imagem de um autor-monumento, acentuando o caráter ímpar de sua trajetória por meio do cruzamento entre sua vida como homem de estudos e figura excêntrica da sociedade letrada. A expressão “cruzado da inteligência”, utilizada por Saraiva Câmara para definir Capistrano, parece sintetizar bem o indivíduo que a narrativa biográfica, de modo geral, deseja destacar, uma vez que a imagem que prevalece é a de um homem nascido no interior, em um ambiente desfavorável às

O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia

atividades intelectuais, que enfrentou vários obstáculos e sofrimentos ao longo da vida, conseguindo conquistar um lugar entre os grandes do pensamento de seu tempo, triunfando como um dos principais conhecedores do Brasil, graças à força de uma personalidade tenaz, talhada pela natureza.

Por fim, é possível concordar com Tristão de Athayde quando afirma que a obra escrita por Capistrano não completa totalmente a figura, não explica tudo o que ele foi, nem a metade do que foi (ATHAYDE, 1930, p. 299). De modo semelhante, o estudo da vida também não esgota o significado de sua obra. Pode-se dizer que os significados da obra e do autor ultrapassaram a própria vida de Capistrano. Novas leituras de ambos foram possíveis ao longo do tempo. Supostamente, a dupla dimensão de Capistrano presente nas biografias, a humana e a nacional, sofreu alterações, em função da especialização e institucionalização das disciplinas acadêmicas. De indivíduo portador de valores humanos e símbolo da nacionalidade, Capistrano teria sua importância restrita ao mundo intelectual, tornando-se “apenas” um símbolo da moderna historiografia.¹⁴

The “crusader of intelligence”: Capistrano de Abreu, memory and biography

Abstract: This article analyzes the means in which biographical texts contributed to the construction of memory about Capistrano de Abreu, scholar in history, geography and indigenous languages, considered by many as the most important Brazilian historian of the early decades of the 20th Century. The purpose is to identify and understand the main values and images used by biographers in the making of the person’s life construction, converted into an intellectual model and a national symbol.

Keywords: Capistrano de Abreu. Biography. Memory.

Notas:

¹ Este artigo é uma versão reduzida e modificada do capítulo “Memória e biografia: a trajetória de um ‘cruzado da inteligência’”, da tese: GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano*. Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Niterói, RJ: ICHF,

Programa de Pós-Graduação em História, tese de doutorado, 2006. Agradeço a Márcia de Almeida Gonçalves e Marcelo de Souza Magalhães pela leitura atenta deste artigo, acompanhada por valiosas sugestões.

² Verena Alberti extrai a noção de “gesto verbal” da obra do historiador da arte e teórico da literatura André Jolles (1874-1946), intitulada *Formas simples* (1ª edição alemã 1930; 1ª edição brasileira 1976). A autora observa que Jolles não analisa a narrativa do ponto de vista da ciência ou da filosofia da história, mas como fato de língua. Os “gestos verbais” são compreendidos como o resultado do trabalho da linguagem ao selecionar, no plano dos acontecimentos, aqueles que detêm o sentido que o exercício intelectual lhes quer imprimir. Jolles analisa as “formas simples” identificando nove tipos: a legenda, a saga, o mito, a adivinha, o ditado, o caso, o memorável, o conto de fadas e o chiste. Por oposição às “formas simples” estão as “formas artísticas” ou “literárias”, condicionadas pelas escolhas e intervenções pessoais do artista/escritor. De modo distinto, as “formas simples” seriam um produto da linguagem e não do artista/escritor. Em função disso, as “formas simples” podem ser reproduzidas ou citadas com relativa concisão, enquanto as “formas artísticas” e “literárias” produzem algo não repetível.

³ É interessante observar que apenas dois biógrafos utilizam a palavra gênio para designar Capistrano: Pedro Gomes de Matos (1953) e Alba Canizares Nascimento (1931). Diferentemente do indivíduo talentoso, que realiza atividades praticadas por outros de forma mais apurada, adquirindo excelência através do exercício, o gênio seria, sobretudo, um criador nato de algo nunca pensado ou empreendido. Nessa acepção, o gênio é alguém que abre caminhos e descobre aquilo que escapou a seus antecessores, revelando relações ainda não percebidas entre as coisas, demonstrando capacidade para suplantar obstáculos com facilidade e para antecipar aquilo que ainda não pode ser nitidamente percebido. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a noção de gênio sofreu sensíveis mutações, sendo possível observar a importância, cada vez maior, atribuída ao papel da subjetividade na caracterização do gênio. Surgiram gênios da música e das artes (plásticas e literárias), gênios da ciência e do intelecto. Mesmo que o termo gênio não seja explicitamente utilizado na maioria dos escritos sobre Capistrano, é possível deduzir a presença da noção de genialidade nas várias caracterizações desse “homem de letras”. Sobre o conceito de gênio, ver, por exemplo, Elias (1995), Heller (1982) e Gonçalves (2007).

⁴ A observação de Valdez foi extraída de um artigo publicado na revista *Carioca*, cuja referência não está completa na obra de Pedro Gomes de Matos. Nesse artigo, Valdez compara o anedotário sobre Capistrano ao que circulava sobre o humorista

O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia

Emílio de Menezes, afirmando que esse último era mais popular, ainda que as muitas histórias contadas sobre ele não fossem verídicas.

⁵ Entre o fim dos anos 1920 e os anos 1950, especialmente durante as décadas de 1930 e 1940, ocorreu na Europa um intenso debate sobre a biografia, que propunha sua renovação. Márcia de Almeida Gonçalves (2003) analisou esse debate, buscando compreender possíveis usos da biografia – então chamada *moderna* ou *romanceada* – na renovação dos estudos históricos no Brasil.

⁶ Loriga analisou os usos da biografia por Thomas Carlyle, Hippolyte Taine e Jacob Burckhardt, demonstrando a complexidade que o empreendimento biográfico poderia ter no século XIX. No Brasil, é exemplar o caso de Otávio Tarquínio de Souza, analisado por Márcia de Almeida Gonçalves. Tarquínio propôs testar e aprofundar os usos da biografia como narrativa capaz de complexificar a escrita da história.

⁷ A atual discussão sobre biografia não deve tomar unicamente os anos 1980 como marco inicial, estabelecido em função das mudanças da historiografia internacional. De acordo com Márcia de Almeida Gonçalves, no Brasil tal discussão pode ser localizada nos anos 1930 e 1940, quando a importância da biografia para a escrita da história já era colocada, por exemplo, por Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), devendo-se, no entanto, distinguir as especificidades da discussão sobre o biográfico hoje e ontem.

⁸ Os três primeiros trabalhos foram publicados em meio às comemorações do Centenário de Capistrano, em 1953, e o livro de Hélio Vianna foi premiado em concurso organizado pelo MEC, podendo ser lido como uma espécie de biografia oficial.

⁹ Ver *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 221, out./dez. 1953. O volume inclui um dossiê contendo as conferências realizadas durante o Curso Capistrano de Abreu, organizado pelo Instituto no mesmo ano.

¹⁰ Cabe observar que alguns dos biógrafos de Capistrano também são cearenses: José Aurélio Saraiva Câmara, Pedro Gomes de Mattos e Raimundo de Menezes. Não foram localizadas informações sobre o local de nascimento dos outros biógrafos.

¹¹ Euclides da Cunha também foi lembrado como um exemplo de “homem de letras” humilde e modesto, alguém que não se “apavonava”, pois “suas vestes eram simples” e, “seu tipo, despretenso”. Mônica Pimenta Velloso (1988) observa que Euclides encarnava o “bom caipira”, cuja trajetória permitia associar a origem interiorana do escritor à valorizada origem interiorana da própria nacionalidade. Esse vínculo do escritor com o sertão – expresso em sua origem e em sua obra – foi um aspecto capitalizado pelo Estado Novo (1937-1945) na consagração do nome de Euclides como “o número um” do Brasil. Algo semelhante ocorreu

com Capistrano, embora seja possível afirmar que Euclides veio a ocupar um lugar de maior destaque no panteão dos grandes escritores / pensadores nacionais, como demonstrou Regina Abreu (1996).

¹² Segundo Roger Chartier (1997), a partir do século XVIII tem lugar uma nova “economia da escrita”, decorrente da associação, cada vez mais intensa, entre as atividades de escrita/pensamento e a produção mercadológica, que exige a visibilidade do autor, visto como o criador de uma obra original, da qual seria legítimo esperar lucro não apenas simbólico. Essas transformações ajudam a compreender o valor que uma obra e seu autor vieram a adquirir ao longo dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX. Contudo, não se deve considerar apenas o valor monetário da obra. Sua importância relaciona-se, também, à sua capacidade – que tem grande valor, sobretudo político e simbólico – de produzir interpretações, gerar consensos, representar ideais, sustentar mitos e símbolos. É possível dizer que essa capacidade se ampliou enormemente com a expansão dos nacionalismos ao longo do século XIX. Tornou-se, mesmo, uma necessidade em função da qual alguns autores foram alçados ao panteão de heróis e gênios da nação, suas obras passando a ser valorizadas como verdadeiros patrimônios nacionais (Catroga, s/d). Nesse processo, os antigos modelos de “homens de letras”, delineados desde, pelo menos, o século XVII, parecem ter sido atualizados, sendo que aquele que prega a idéia de um “gênio criador desinteressado” talvez seja um dos mais persistentes. Mesmo quando associado à ação de engajamento, por exemplo, a noção de desinteresse parece resistir, pois que a adesão a causas coletivas pode ser vista como um abandono de interesses particulares. Sobre a visão do “homem de letras” como herói, a referência principal é Thomas Carlyle (1840).

¹³ A biobibliografia é compreendida aqui como um trabalho de teor biográfico que procura relacionar vida e obra, de modo a atribuir um sentido para ambas, conforme as etapas de uma trajetória individual. No caso do livro de Hélio Vianna (1953), essa relação é construída mediante a identificação de fases da trajetória do biografado, que servem como uma espécie de contexto para a produção de sua obra, o primeiro explicando a segunda. Contudo, não se observa o desenvolvimento efetivo de uma análise das obras de Capistrano, apenas a associação entre seus escritos e determinados contextos de sua vida, ainda que Vianna se empenhe na caracterização da obra capistraneana. Outro livro que se apresenta como uma biobibliografia – ou melhor, como “uma tentativa biobibliográfica” – é o de José Aurélio Saraiva Câmara (1969), que realiza exercício semelhante ao de Vianna.

¹⁴ Como observou Michel Foucault (2000), é importante considerar que o fato de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” indica que aquilo que foi escrito não é um discurso qualquer, imediatamente consumível, mas um discurso que deve ser

O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia

recebido de certa maneira e que deve receber um certo estatuto. Em outras palavras, a categoria (ou função) autor não é algo que se aplica (ou se exerce) de forma universal e constante sobre todos os discursos. Também não é algo que se forma espontaneamente como decorrência da atribuição de um discurso a um indivíduo, pois resulta de uma operação intelectual capaz de construir um certo ser racional, o autor, que permite relacionar um certo número de textos, opondo-os a outros textos. Cabe observar que alguns autores se encontram em uma posição “transdiscursiva”, pois seus nomes não são associados apenas a livros, mas a uma teoria, tradição ou disciplina. Esses autores são chamados por Foucault de “fundadores de discursividade”, pois não produziram apenas textos, mas a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Abriram caminho para um certo número de semelhanças e analogias que têm por modelo ou princípio a sua própria obra e permitiram enunciados muito diferentes dos que eles mesmos haviam produzido.

¹⁵ Supostamente, Capistrano se tornou um símbolo da moderna historiografia brasileira durante o Estado Novo (1937-1945), quando se observa o investimento na construção de um rol dos grandes historiadores nacionais. Além disso, foi durante esse período que surgiram os primeiros cursos universitários voltados para a formação de professores de história, sendo possível aventar a hipótese de que nesse momento torna-se necessário criar uma tradição historiográfica com a qual as novas gerações de profissionais da história possam se identificar. Além disso, no fim dos anos 1940 e início de 1950 é possível localizar textos como o de Sérgio Buarque de Holanda (1951) ou José Honório Rodrigues (1978 [1949]; 1952 [1969]) que apresentam um panorama da historiografia brasileira até os anos 1930, de modo a constituir uma história da história no Brasil, com seus principais nomes e obras. Nesse conjunto de textos, o nome de Capistrano se destaca como um marco referencial. A esse respeito, ver Gontijo (2006).

Referências:

ABREU, Capistrano de. *Correspondência*. 1954-1956. José Honório Rodrigues (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, MEC / INL, 1977. 3 vols. 2. ed.

_____. Capistrano de. Carta a Afonso Celso, 08/10/1917, *Revista do IHGB*, tomo 8, v. 132, 1917, p. 790-91.

_____. Sobre o Visconde de Porto Seguro [1882]. In: _____. *Ensaios e Estudos: crítica e história*, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: MEC, 1975, p. 131-147.

ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Rocco / Funarte, 1996.

_____. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 205-230, 1994.

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006.
- ATHAYDE, Tristão de. Capistrano [1928]. In: _____. *Estudos*, 3ª série. Rio de Janeiro: tomo 1, 1930.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica [1986]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Trad. Luiz Alberto Monjardim *et al.* Rio de Janeiro, FGV, 2001, p. 181-191.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 43-60, 1998.
- CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu: tentativa biobibliográfica*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.
- CARLYLE, Thomas. V Conferência – O herói como homem de letras. Johnson, Rousseau, Burns (19/05/1840). In: _____. *Os heróis*. Trad. Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, p. 145-180, 2002.
- CATROGA, Fernando. Ritualizações da história. In: _____. TORRAL, Luís Reis; MENDES, José Amado. *História da história em Portugal, séculos XIX e XX*. S.l., Temas & Debates, [1998], v. II, p. 339-348.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.
- _____. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (Dir.). *O homem do iluminismo*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Presença, 1997, p. 143-144.
- CLOT, Yves. La outra ilusão biográfica. *Historia y Fuente Oral – Memória y Biografía*, Barcelona, n. 2, 1989, p. 35-39.
- ELIAS, Norbert. *Mozart*. Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- ENDERS, Armelle. O “Plutarco brasileiro”: a produção de vultos nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 41-62, 2000.
- FALCON, Francisco José Calazans. As idéias e noções de “Moderno” e “Nação” nos textos de Capistrano de Abreu. *Os Ensaios e estudos*, 4ª série – comentários”. *Acervo* – Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1/2, jan./dez., 1999, p. 5-26.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? [1969]. In: _____. *O que é um autor?* 4. ed. Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa, Vega-Passagens, 2000. p. 29-87.

O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia

FURET, François. O nascimento da história [1979]. In: _____. *A oficina da história*. Trad. Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa: Gradiva, s/d, p. 109-135.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 14, n. 25, p. 135-161, 2000.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço*: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. São Paulo: FFLCH / Dep. de História, tese de doutorado, 2003.

_____. Gênios e heróis do Brasil: narrativa biográfica e escrita da história nas páginas da Revista do IHGB. Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Leopoldo, UNISINOS, 15 a 20 de julho de 2007.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: ICHF / Dep. de História da UFF, tese de doutorado, 2006.

_____. O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura política e leituras do passado*: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 309-327.

GOULEMOT, Jean Marie e WALTER, Éric. Les Centenaires de Voltaire et de Rousseau: les deux lampions des Lumières. In: NORA, Pierre (Dir.). *Les Lieux de mémoire*. I – La République. Paris: Gallimard, 1984. p. 381-420.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição*. Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

HEINICH, Nathalie. *La gloire de Van Gogh: essai sur l'anthropologie de l'admiration*. Paris: Seuil, 1991.

HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, [1982], p. 316-330.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O pensamento histórico no Brasil durante os últimos cinquenta anos (1900-1950). *Correio da Manhã*. Caderno especial Cultura Brasileira (comemorativo dos cinquenta anos do jornal), 15/06/1951.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. *Le Débat*, n. 54, mars-avril, p. 48-53, 1989.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia [1989]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Trad. Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro, FGV, 2001 [1996], p. 167-182.

- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 141-184.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. Capistrano de Abreu, historiador. *Revista do IHGB*, V. 221, out./dez. p. 67-91, 1953.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro, FGV, 1998, p. 225-249.
- MATOS, Pedro Gomes de. *Capistrano de Abreu, Vida e Obra do Grande Historiador*. Edição do Centenário. Fortaleza: A. Batista Fontennele Editora, 1953.
- MENEZES, Raimundo de. *Capistrano de Abreu: Um homem que estudou*. São Paulo: Melhoramentos, 1956.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. O surgimento da pesquisa antiquária. In: _____. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004. p. 85-117.
- MOURA, Cristina Patriota de. Herança e metamorfose: a construção social de dois Rio Branco. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 14, n. 25, 2000, p. 81-101.
- MOTA, Leonardo. Capistrano de Abreu anedótico. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LVI, 1942. p. 55-78.
- NASCIMENTO, Alba Canizares. *Capistrano de Abreu: o homem e a obra*. Primeiro ensaio crítico-biográfico. Rio de Janeiro: Briguiet, 1931.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OTÁVIO FILHO, Rodrigo. A vida de Capistrano de Abreu, *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 221, out./dez. p. 46-66, 1953.
- OZOUF, Mona. Le Phanthéon, l'École Normale des morts. In: NORA, Pierre (ed.). *Les lieux de mémoire*, t. 1 – La République. Paris: Gallimard, 1984. p. 139-166.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social. Trad. Monique Augras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civittella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Trad. Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 103-130.
- REBELLO, Edgar de Castro. Capistrano de Abreu. *Revista do IHGB*, v. 221, out./dez., 1953, p. 204-213.

O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia

- RIBEIRO, João. O descobrimento do Brasil [1930]. In: _____. *Crítica VI – Historiadores*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1961. p. 84-88.
- _____. Caminhos do Brasil [1931]. Ibidem, p. 88-90.
- _____. Ensaio e Estudos [1933]. Ibidem, p. 91-92.
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 1. ed. 1952. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1969. 2ª edição revista e aumentada.
- _____. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 1. ed. 1949. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1978, p. 11-14. 4 ed.
- SALES, Antonio. *Retratos e lembranças*. Fortaleza: Castro e Silva Ed., 1922.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHMIDT, Benito Bisso (org.). Luz, papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: _____. (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 49-70.
- SOUZA, Adriana Barreto de. Entre o mito e o homem: Caxias e a construção de uma heroicidade moderna. *Locus – Revista de História*, v. 7, n. 1, p. 93-106, 2001.
- TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Présent – Sociabilités intellectuelles*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, n. 20, mars 1992, p. 11-21.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos – Dossiê Os anos vinte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.
- _____. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- VIANNA, Hélio. *Capistrano de Abreu: ensaio biobibliográfico*. S/l: Ministério da Educação e Cultura, 1953.
- WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: WEBER, Max. *Sociologia*. Organizado por Gabriel Cohn. Trad. Amélia e Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1991, p. 128-141.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERj, 1996.

Recebido em 30/04/2007.

Aprovado em 17/09/2007.